

Socorro médico na Baixada só cresce em números

Nova Iguaçu, RJ

Nelly Coelho Rodrigues, Gláucia da Mata Machado e Fritz Utzeri

Numa tentativa de oferecer a seus contribuintes da Baixada Fluminense melhores condições de atendimento médico, o INPS, no ano passado, deu início ao Projeto Baixada. O programa prevê o aumento do número de ambulatórios, hospitais credenciados e um sensível reforço no quadro de médicos, dentistas e enfermeiras. Mas só os números crescem, a qualidade não melhora.

Em junho deste ano, o INPS anunciava que no mês anterior, graças ao Projeto Baixada, o índice de atendimentos em consultórios médico-odontológicos de Nova Iguaçu, Caxias, Nilópolis e São João de Meriti registrava um aumento que variava de 75,6% a 183,22%, em relação aos números anteriores à execução do Projeto.

Círculo vicioso

Esses números não demonstram que os segurados do INPS estejam recebendo melhor atendimento médico. O próprio coordenador de assistência médica do Instituto em Nova Iguaçu, médico Yasushi Yoshigue, afirma que apenas no Posto Dom Valmor, segundo levantamento de janeiro a maio, os atendimentos aumentaram em aproximadamente 8 mil. Entretanto, o médico admite que, de acordo com o Projeto Baixada, a capacidade para aquele posto foi calculada em um número de atendimentos bem inferior aos apontados em seu levantamento, vem sendo feitos como deveriam, afirmando que "por esse motivo não devem estar sendo feitos como deveriam, pois o tempo gasto por um médico com o paciente não é suficiente".

Na opinião do Dr. Yasushi Yoshigue, o ideal seria que todos os postos dessem atendimento a todos, durante as 24 horas do dia, como se fossem um pronto socorro.

Das filas diante dos postos, disse que 70% dos casos são de resolução fácil, como gripe, dores, intoxicação etc. "O serviço de primeiro atendimento tem que ser resolutivo e queremos evitar a multiplicidade de atendimentos. Esse serviço deveria funcionar só com clínicos, que tenham uma solução imediata para todos os casos".

Sobre as filas para atendimento em especialistas, informou que elas são o resultado de primeiro atendimento. "Tudo acaba em um círculo vicioso. Um paciente entra na fila com problemas de amigdalas, que poderia ser resolvido na hora pelo clínico, é por este encaminhado a um especialista e, assim, também nesse serviço o beneficiário terá que enfrentar nova fila. Se houvesse uma triagem dos casos no próprio posto de atendimento, só seriam encaminhados aos especialistas pacientes que realmente têm problemas graves ou crônicos".

O coordenador de Nova Iguaçu denuncia ainda a *licença*: "Se acabassem com essa exigência, pelas empresas, de licença médica do INPS, as filas poderiam até desaparecer. Podemos constatar, através de estatísticas feitas no posto de urgência do INPS, que se atende, principalmente nas segundas-feiras, o segurado e não seus dependentes. Por isso, os médicos gastam seu tempo, naqueles dias, emitindo licenças para o empregado que, em muitos casos, bebeu muito ou fez muita farra no fim de semana e que não teve condições de voltar ao trabalho na segunda-feira. Esse problema já foi até motivo de estudos da Inspetoria do INPS".

Ordem de serviço

Segundo o médico, no Município de Nova Iguaçu só existe uma enfermeira diplomada e a função vem sendo preenchida por auxiliares de enfermagem. Quanto a médicos e dentistas, disse que em 1974 haviam 149 médicos em todo o Município, mas no final de 75, esse número foi elevado para 234. "Com o concurso realizado recentemente, deverá aumentar bastante o total de médicos e dentistas, pois se inscreveram 483 e há 343 vagas".

Sobre os índices de atendimento à população (1 milhão 200 mil pessoas), informou que, por cálculos do INPS, 80% dos residentes na zona urbana são beneficiados pelo Instituto e, na zona suburbana, 70%. "Considerando que a média brasileira seja de três consultas por ano, por habitante, chegamos à conclusão de que são feitas 2 milhões 880 mil consultas anuais e que seriam necessárias 240 mil consultas mensais. Estamos, no momento, oferecendo 100 mil consultas mensais, na fase de 50% de atendimentos. Ao alcançarmos 70%, vamos entrar na fase de programação de saúde, criando a medicina preventiva, que depende de pessoal, como enfermeiras, agentes administrativos e assistentes sociais, para satisfazer a demanda".

Segundo ele, está em vigor em Nova Iguaçu uma ODS — ordem de serviço — obrigando os médicos a cumprirem uma carga horária diária de quatro horas. "Todo mundo está sabendo que eu vou dar um arrotinho, no que toca a cumprimento de horário e, ao mesmo tempo, vamos racionalizar a distribuição de pacientes para cada médico, para melhorar a qualidade do atendimento. Com uma carga de quatro horas um médico poderá dedicar, no mínimo, 15 minutos a cada paciente".

Os médicos do posto do INPS, na Rua Getúlio Vargas, 94, parecem, entretanto, desconhecer a existência de um arrotinho para cumprimento de horário: o plantão de 7h às 11h está a descoberto pois, o médico que deveria cumprir esse horário licenciou-se e nenhum outro o substituiu. Um quadro naquele posto estabelece que dois médicos devem atender das 11h até as 15h, mas um deles, o Dr. Luís de Almeida Reis, tem na porta de seu consultório uma tabuleta: "Diariamente às 13h".

O tempo é curto

O não cumprimento de horário por parte dos médicos e a má distribuição

dos pacientes entre os especialistas concorrem para que o tempo médio de atendimento não ultrapasse a sete minutos. Exemplo: 40 pessoas esperavam no posto da Rua Getúlio Vargas, onde o tisiopneumologista deveria chegar às 11h, mas ele só apareceu às 11h30m. Assim, em três horas e 30 minutos, ele só pôde dispor de aproximadamente seis minutos para cada paciente.

No posto da Rua Nilo Peçanha o problema é o mesmo. Segundo o médico Heitor da Costa Vale, supervisor de equipe, a média de atendimentos/dia, por médico é de 25 crianças. Como os atendimentos começam às 7h e só deveriam terminar, naquele turno, às 11h, e ainda como às 10h não há mais um médico no posto, conclui-se que o tempo médio de atendimento ali é de sete minutos por criança.

Ao justificar a presença de inúmeras mães sentadas nos bancos, com filhos ao colo, esperando o início do plantão das 11h, o supervisor disse que "há casos que poderiam muito bem esperar para mais tarde, mas a incompreensão das mães é que provoca todo esse tumulto desde a madrugada".

A desordem

Fatos concretos mostram que a desorganização no setor de saúde na Baixada Fluminense é geral: ela vai desde o primeiro atendimento e, em alguns casos, chega até à hora da morte ou do enterro.

No dia 20 deste mês, a Sra. Maria José Ribeiro Pereira procurou socorros médicos para seu filho Ricardo, de dois meses de idade, no posto de urgência de Nilópolis: a criança, que acordara, segundo a mãe, apresentando saúde, começou a sofrer vômitos intermitentes. O médico que a atendeu — ela disse que durante a consulta, "ele não botou a mão na criança, que ficou no meu colo o tempo todo" — aplicou no menino uma injeção de Plasil e mandou-a para casa dizendo: "a senhora está é muito nervosa, seu filho não tem nada".

— Ao sair do consultório o menino piorou e então eu tentei entrar na sala novamente, mas o médico, muito nervoso, mandou que eu fosse embora, pois a criança já tinha sido medicada. Incomformada, forcei a porta e entrei. Meu filho estava morto.

A causa mortis anotada no atestado de óbito foi broncopneumonia e, segundo a Sra. Maria José, o médico não verificou a temperatura da criança nem auscultou-lhe os pulmões, o que poderia ter-lhe revelado facilmente essa doença.

No dia seguinte, continuou o drama da família da criança. O enterro, no cemitério de Olinda, estava marcado para as 10h. Ao meio-dia chegou ao cemitério a Kombi de uma funerária, um pequeno caixão foi colocado na capela e todos se aproximaram com flores. A indignação foi geral: no caixão não estava o corpo de Ricardo e sim um feto de sete meses.

O pai do menino, Sr. Francisco Pereira, acompanhou a Kombi de volta ao Instituto Médico-Legal de Nova Iguaçu, onde foi recebido por um homem preto, embrigado, que disse estar o responsável pelo setor no botiquim da esquina. Somente com a chegada de uma viatura da Delegacia de Nova Iguaçu o Sr. Belmiro, que trocou os corpos, apareceu no IML, alegando que "tudo foi por causa da falta de identificação da criança, pois o atestado de óbito está legal". Os policiais confirmaram que a troca de cadáveres ali "acontece quase todo dia".

Clube da saúde

Uma das consequências da desorganização da estrutura dos atendimentos médicos na Baixada Fluminense é a proliferação do Clube da Saúde, que tem maior número de associados em Nova Iguaçu e Caxias. Esse clube é formado, como denominam alguns médicos da administração pública, por *clíniquetas* (pequenos imóveis, na maioria em péssimas condições de conservação) onde, mediante taxa de Cr\$ 50 ou Cr\$ 70, o sócio tem direito a várias "vantagens", como atendimento médico ou odontológico para toda a família.

Nessas pequenas clínicas só são atendidos os sócios que estejam em dia com o pagamento da mensalidade, e em todas elas existe um aviso nesse sentido na sala de espera. Para os médicos da região, esse é um comércio que enriquece qualquer um, pois, conforme explicaram, para uma pessoa que recebe mensalmente uma média de Cr\$ 700, estar sempre atualizado no pagamento de uma clínica é quase impossível. Assim, segundo os médicos, os proprietários das clínicas recebem o dinheiro e não chegam a prestar os serviços prometidos.

A maioria dessas pequenas clínicas funciona durante 24 horas por dia com plantões alternados, de acadêmicos, e o médico responsável só aparece de vez em quando. "Assim, diz um médico do INPS, é fácil ganhar dinheiro. Uma mesa, um termômetro e um estetoscópio resolvem o problema, porque essas clínicas não se responsabilizam por casos de grandes cirurgias, nem de internações. Ali só se faz receita de comprimidos e injeções ou providenciar ambulâncias para remoção do paciente para um hospital".

Após ser atendida nos postos do INPS, grande parte dos segurados é encaminhada às clínicas com as quais o Instituto mantém convênio. Além do inconveniente de precisarem enfrentar novas filas, os beneficiários nem sempre são atendidos de maneira conveniente, pois, de um modo geral, as clínicas não têm estrutura para tanto.



Às 21h já há pessoas na fila do INPS. A distribuição de senhas começa às 3 da madrugada. O atendimento, a partir das 7

Fila no INPS começa de véspera

Às 2h20m da madrugada já há 21 pessoas na fila do Posto de Atendimento Médico — PAM-1 — de Caxias. Muitas sentadas no chão, sobre trapos, aguardam o início de distribuição das senhas. Algumas estão ali desde as 21h. Maria dos Santos chegou às 2h e foi a nona pessoa da fila: "Quem chegar às 4h da manhã não vai mais ser atendido." Cada médico só atende oito pacientes no máximo, informam integrantes da fila. Algumas pessoas receberam senhas que só permitirão atendimento às 15h.

Às 3h começam a distribuir os números. Aqueles que têm dinheiro voltam para casa. Os outros dormem na entrada do posto, cercada por uma corda. Colchas de chenille, sacos de anagem e jornais surgem de dentro de sacolas de supermercados e vão lhes servir de cama até as 7h, início do atendimento.

DESOCUPADOS

O Dr. Edilino Gutierrez Cid, médico do PAM-1 de Caxias, garante que "estas pessoas são um bando de desocupados, estão na fila porque gostam e porque não têm o que fazer".

Às 2h40m, no PAM-1 de Nova Iguaçu, há apenas 13 pessoas, inclusive uma menina de 12 anos, com o uniforme escolar. "Eu já perdi três viagens chegando às 4h e agora resolvi dormir aqui; vim de Nilópolis e minha filha vai daqui direto para a escola. Foi bom o moço ali chegar (o 14º da fila e único homem) pois às vezes há assalto".

— Tenho que faltar ao trabalho para conseguir número para a minha filha ir ao médico — disse José Severino de Mendonça. A filha, com sarapão, diarreia e vômitos, estava sentada em um banco à espera do 2º turno de atendimento — das 11h às 15h — porque não tinha conseguido número para o primeiro, das 7h às 11h.

Maria Aparecida Salgueiro Alves de Freitas segura o braço da filha. Tem 68 anos de idade, informa Norma, a filha. Está com anemia profunda, pressão alta e problemas no coração. As pernas estão inchadas e doem. Chegaram ao posto às 7h; às 10h30m, Norma recebeu o formulário de encaminhamento à clínica da Rua Plínio Casado.

COMÉRCIO E FILA

São 4h20m, os ônibus já voltaram a circular e o frio é intenso em Nova Iguaçu. No PAM-1, à Rua Dom Valmor, 234, já há cerca de 150 pessoas na fila e um murmúrio abafado re-

vela apenas que a multidão conversa em voz baixa, muitas vezes reclamando da assistência ou falando de doenças e exames.

Depois surgem vendedores de biscoito, de lanches empacotados, e a fila se anima. Os ônibus, mais frequentes na medida em que vai amanhecendo, continuam deixando passageiros. A fila, às 4h30m, já tem 200 pessoas. Atrás de uma grade de ferro, um guarda de segurança conversa com os primeiros da fila e de vez em quando deixa alguém "ir lá dentro". Às 5h da manhã o frio aumenta e a fila se aproxima de 300 pessoas, enroladas em cobertores, dormindo sobre jornais ou sentados no meio-fio com a cabeça entre os joelhos. A cerca de 200 metros, na Rua Nilo Peçanha, no Posto de Assistência Pediátrica, já há 70 pessoas, quase todas com crianças no colo.

Às 5h30m já são 500 pessoas e as conversas em tom mais alto. O dia começa a clarear, os vendedores são mais frequentes e a fila — de ponta a ponta — tem mais de 150 metros. Às 6h10m, são 800 pessoas. Chagam mais dois guardas de segurança e as portas de aço são abertas para a entrega das senhas. "Cada médico só vai poder atender 20 doentes e desses aí, só 200 serão atendidos hoje; o resto vai ter que tentar de novo" diz um dos participantes da fila.

Um operário da obra de ampliação do posto observa sobre a fila: "até que está pequena; tem dia que ela vai até o cemitério (a uma distância de 250 metros). Na mesma hora (6h30m), há 200 pessoas, com seus filhos, em pé ou sentadas na porta do ambulatório infantil. A porta ainda está fechada.

Em geral o relacionamento médico-paciente é bastante agressivo na Baixada, com os médicos tentando a considerar os doentes apenas ou pouco mais do que "desocupados" e "arruaceiros", enquanto estes acham que os primeiros são geralmente "negligentes", "relaxados". Dessa relação não é raro saírem brigas e a tensão acaba escondendo — para uns e outros — o fato de que ambos são parte de uma estrutura errada.

Sem atendimento, recurso é o Rio

Os prontos-socorros da Baixada Fluminense, tanto os do INPS quanto os municipais, seguem o mesmo padrão geral de deficiência do restante da assistência médica, embora no último ano tenham se verificado algumas melhoras, principalmente em Nilópolis e Caxias. Apesar disso muita gente da Baixada acaba mesmo procurando atendimento nos hospitais do Rio, principalmente o Getúlio Vargas e Sousa Aguiar.

O Secretário Estadual de Saúde, Woodrow Pimentel Pantoja, não tem qualquer plano para construir um hospital de emergência na Baixada e a Secretaria optou por ficar com os hospitais limítrofes a essa região, embora situados no Rio (Getúlio Vargas, Carlos Chagas, Olivério Kraemer, Rocha Faria e Pedro II), propondo equipá-los e ampliá-los para que possam assistir melhor os municípios da Baixada.

Na área do INPS o problema é ainda maior, já que o Instituto não dispõe de hospitais próprios na região. Às vezes um doente grave chega a um dos postos de emergência, é removido para uma casa de saúde contratada e, em alguns casos, levado depois para um hospital distante como o do Andaraí ou o de Bonsucesso, o que certamente reduz ainda mais suas chances de sobrevivência.

Estrutura falha

No ano passado o INPS mudou seu posto de emergência de Nova Iguaçu de um barracão, considerado "irrecuperável", para um novo local perto da estação de Juscelino. O prédio é alugado e pertence a uma casa de saúde. Embora melhor do que o barracão, não tem condições para funcionar como emergência.

O edifício com dois andares, o segundo abandonado e sem revestimento, foi sendo construído pelo sistema de *paradas*, criando-se novos cômodos todas as vezes em que isso era necessário, o que resultou num prédio caótico como quase todos os hospitais da Baixada. No posto, que na realidade funciona como centro de triagem, não há banco de sangue ou condições para qualquer cirurgia. Os médicos do posto consideram "absolutamente necessária" a existência de um hospital próprio do INPS na região.

Em geral o relacionamento médico-paciente é bastante agressivo na Baixada, com os médicos tentando a considerar os doentes apenas ou pouco mais do que "desocupados" e "arruaceiros", enquanto estes acham que os primeiros são geralmente "negligentes", "relaxados". Dessa relação não é raro saírem brigas e a tensão acaba escondendo — para uns e outros — o fato de que ambos são parte de uma estrutura errada.

Município melhor

Dos prontos-socorros municipais os melhores são os de Caxias e Nilópolis, que começam a atrair moradores dos bairros do Rio limítrofes com os municípios da Baixada, como Anchieta, Cordovil e Parada de Lucas. Atualmente ambos sofrem reformas e o de Nilópolis deverá passar de 97 para 120 leitos, após o término das obras.

No Hospital de Caxias trabalham 10 médicos por plantão, além de sete bolsistas acadêmicos que ganham salários superiores aos médicos contratados pelo Estado (o município paga Cr\$ 4 mil a cada médico por quatro plantões mensais de 24h cada). Atualmente o hospital, como o de Nilópolis, mantém convênio com o INPS, mas o total pago pelo Instituto ainda é insuficiente (cerca de Cr\$ 500 mil mensais). Um novo convênio já está em estudos.

Em Nova Iguaçu o pronto-socorro tem apenas seis leitos, duas pequenas alas de observação e somente um médico por equipe — estão sendo contratados mais dois. Segundo o médico Ricardo Chagas, chefe da equipe, ali são atendidas entre 80 e 90 pessoas por dia, mas "só atendemos casos de dor de barriga ou corte no pé, pois os demais são removidos para o Sousa Aguiar".

Apesar de seus poucos recursos, o hospital está praticamente vazio, escondido entre um depósito de cerveja, uma usina de arroz e um corredor de oficinas. "Acho que ninguém nos procura porque ainda não nos conhece", afirma um funcionário.

Maior número é de doentes mentais

Cerca da metade dos doentes mentais atendidos nos hospitais psiquiátricos do Rio provém da Baixada Fluminense e, numa rápida amostragem em algumas filiais dos Postos de Assistência Médica do INPS, de 200 pessoas 80 alegaram estar ali em tratamento "da cabeça" ou "dos nervos".

Apenas o Posto de Urgência do INPS de Nova Iguaçu atende a média de 50 casos psiquiátricos por dia. O alcoolismo é a primeira causa, seguido pelas neuroses, demências, psicoses, epilepsias e personalidades psicopáticas. A origem disso tudo é social e basta seguir a rotina de vida de um desses "nervosos" da Baixada para se ter uma idéia do problema.

A EXPLOSAO

"Assim o sujeito madrugada, disputa o lugar no trem apertado, trabalha no pesado, come a marmitta rala,

enfrenta o mesmo trem de volta, chega em casa quando os filhos já dormem, imagina que janta e discute, quando não bate na mulher (sempre por dinheiro). Em casa os filhos são magros, não estudam, estão doentes. Não há perspectivas de futuro, não há lazer, nem conforto. As condições para a explosão estão prontas e geralmente o indivíduo explode para dentro de si, pois não há como extravasar a sua frustração e revolta, então vem a loucura", afirma um psiquiatra.

Em Vilar dos Teles, em São João de Meriti, existe um hospital psiquiátrico — Casa de Saúde Vilar dos Teles — onde 250 pacientes permanecem em média de 25 a 30 dias internados. Para o diretor do Hospital, o psiquiatra Vitorio Sassi, se existisse no município um ambulatório destinado exclusivamente ao atendimento de casos psiquiátricos, como o da Avenida Venezuela, mantido pelo INPS

no Rio, as filas nos postos de atendimento diminuiriam, os doentes não perderiam tanto tempo até serem medicados e os hospitais teriam um número menor de internações, pois grande parte deles poderia fazer tratamento ambulatorial, sem recorrer à internação.

O alcoolismo é responsável pelo maior número de casos de internações, seguido por diferentes psicoses, e o médico afirma ser grande o número de doentes que retornam ao hospital alguns meses após receberem alta, o que considera "óbvio, visto que as condições sociais determinantes da doença não mudaram".

— Eles saem daqui bem, voltam para casa e continuam a enfrentar os mesmos problemas como falta de dinheiro e suas consequências. Dias depois já estão bebendo novamente e hospital é apenas uma questão de tempo — acrescenta.